

PRA FAZER FUGIR O MUNDO COLONIAL-CAPITALISTA-BINÁRIO: OFICINA MULTIGRÁFICA ENTRE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS

WEMI SOARES PEREIRA¹; DANIELE BORGES BEZERRA²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – wemisoares@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – borgesfotografia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe compartilhar reflexões acerca do projeto extensionista intitulado: “se fazer experimento inesperado: oficina de produção multigráfica entre pessoas trans e travestis” que está sendo desenvolvido no âmbito da minha pesquisa de mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

Os saberes biomédicos estabeleceram resoluções e normas biologizantes para determinar quem é trans, como se é trans e os motivos pelos quais se é trans. De acordo com Cello Pfeil e Bruno Pfeil (2022) a noção de “transexualidade” surge como categoria diagnóstica no contexto biomédico a partir da metade do século XX. Tal dinâmica institucionalizou uma perspectiva fixa e estereotipada sobre pessoas trans-travestis e suas corporalidades tendo como base a binária “maquinaria patriarcal do sexo-gênero” (Paul Preciado, 2023) ou seja, “masculino/feminino”, “homem/mulher”, etc. Nessa linha, podemos pensar com Jota Mombaça (2021) que a outridade permeia a vida não-cisheteronormativa, racializada e corpo-diversa pois a modernidade produz uma visualidade negativa sobre essas sujeitas e sujeitos.

As subjetividades e trajetórias trans são múltiplas, polissêmicas e rompem com os fundamentalismos coloniais. Sendo assim, buscando desviar das armadilhas de escrever somente sobre violência e opressão, pois o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo pelo décimo sexto (16º) ano consecutivo (Bruna Benevides, 2025), este trabalho é sobre a produção de vida, a nossa vida.

Se o olhar (cis)colonial (Viviane Vergueiro Simakawa, 2023) sobre corpos trans-travestis, muitas vezes, produz e reafirma estereótipos associados à marginalidade e à vulnerabilidade, quais são as possibilidades para nos perceberem além da normatividade e das imagens caricatas criadas sobre como devemos vestir, performar, falar e ser? O que acontece quando nos juntamos para experimentar linguagens artísticas? É possível criar ferramentas/estratégias para o enfrentamento de violências através de práticas expressivas compartilhadas?

As oficinas propõem a constituição de um espaço para o compartilhamento de fazeres artísticos entre pessoas trans e travestis na produção de narrativas de si. As criações utilizando o desenho, a poesia, o bordado e outras linguagens gráficas, configuram-se como “estratégias de fuga” do mundo colonial-moderno-binário, pra fazer fugir o mundo, não a gente.

2. METODOLOGIA

A partir de uma abordagem experimental e colaborativa, o projeto de extensão possui caráter transdisciplinar que integra as áreas da antropologia, das artes e da literatura em sua realização. As inscrições foram realizadas através de um formulário virtual tendo divulgação na rede social Instagram, além de, cartazes e compartilhamento em grupos de Whatsapp da comunidade trans-travesti de Pelotas/RS. O grupo conta atualmente com 7 pessoas participantes com idade entre 16 e 58 anos, sendo a maioria estudantes.

Os encontros são quinzenais, possuem duração de três horas (3h) cada e ocorrem no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS). As oficinas multigráficas viabilizam a experimentação de diversas técnicas artísticas e expressivas como o bordado, a colagem, o desenho e a escrita criativa.

Além disso, utilizamos o diário gráfico que de acordo com Aina Azevedo (2016), possibilita e dispara maneiras particulares de produzir conhecimento. Entendo e pratico as produções (antro)poéticas (Daniele BORGES et al, 2023) enquanto meio de produção de material etnográfico crítico e criativo e não somente como forma de interação em ‘campo’, mas como forma de produção de conhecimento antropológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizo os materiais, faço café, fico em silêncio alguns minutos, espalho os papéis coloridos, lápis de cor, tesoura, giz pastel, giz oleoso, linhas de costura, agulhas curvadas, tesouras e furão. Escuto passos no corredor, alguém bate gentilmente na porta e logo em seguida entra, a luz amarela ilumina o ambiente. Quando estamos naquela sala quase esqueço que seguimos no Instituto de Ciências Humanas, um prédio cimentado, frio e pouco convidativo.



Fotografia do autor, 2025.

Cada encontro possui uma proposta, o primeiro encontro foi destinado à produção dos cadernos que utilizaremos durante todo o percurso da oficina, e cada pessoa participante fez o seu.

Em seguida, descobrimos juntas, juntes e juntos produções escritas-desenhadas de outras pessoas LGBTQIAP+ através de livros, fanzines e diários, esse encontro tinha como objetivo provocar as pessoas participantes a se imaginarem no lugar de sujeitas e sujeitos de sua vida-corpo e assim contar suas histórias. Dentre o que é produzido, nada é fútil ou desimportante, pois como diz Gloria Anzaldúa (2000, p. 235): “mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências.”



Fotografia do autor, 2025.

O bordado, a colagem e o desenho são manualidades que também estamos experimentando. Não era necessário nenhum conhecimento prévio para participar da oficina, tudo é aprendido coletivamente. Os encontros disparam conversações íntimas e é ali que elaboramos nossas dores, amores, dilemas e sonhos, através das “fofocas” mobilizadas pelos fazeres manuais. Fofoca aqui não adquire o sentido negativo de difamação ou degradação como comumente associada no senso comum (Silvia Federici, 2019). Fofocar nas oficinas é o jeito que encontramos para partilhar carinho entre nós, construindo vínculos de amizade e apoio. Além disso, é fofocando que elaboramos juntas, juntas e juntos as violências e dores, experiências que são compartilhadas entre nós.

4. CONCLUSÕES

A criação desse espaço íntimo, os fazeres manuais que desaceleram o tempo, a criatividade e abertura, diferentemente da proposta capitalista de des-envolver, nos envolve completamente em presença, escuta, intimidade e troca. (Antônio Nego Bispo do Santos, 2023).

A práticas artísticas que estamos experimentando em coletivo buscam “apresentar” mais que representar (Denise Ferreira da Silva, 2020) uma comunidade. Como dizia Ametista Muller (2025) em um de nossos encontros, “estamos imaginando novas formas de fazer arte”.

Assim, as oficinas buscam realocar os sentidos de produzir arte, pois alguns tipos de arte são também uma linguagem comum que pode falar da vida cotidiana. (Gloria Anzaldúa, 2021)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios**. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun. 2016.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025.

BEZERRA, Daniele Borges; NAKAÓKA ELIAS, Alexsânder; MARTINS, Valéria de Paula; MOURA, Lisandro Lucas de Lima; PINHEIRO, Patricia dos Santos; TAMAYO, Luis Carlos Toro. Etnografias multissensoriais e mediações antropológicas: A experimentação como forma de errância. **Iluminuras**. vol.24, n.64,2023.

FEDERICI, Silvia. **A História Oculta da Fofoca: Mulheres, Caça às Bruxas e Resistência ao Patriarcado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

LATINI PFEIL, Cello; LATINI PFEIL, Bruno. A PRODUÇÃO PATOLÓGICA DO ANTAGONISMO: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS TRANS. **Revista Estudos Libertários**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 150/176, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie : sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. Ler a arte como confronto, trad. Michelle Sales, Fernando Gonçalves e Daniel Meirinho. **Logos**, vol. 27, no. 3: 290-296. 2020.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Edufba, Salvador, 2023.